

CARTAS E FRAGMENTOS LITERÁRIOS: RETALHOS DE MEMÓRIAS MIGRANTES

LETTERS AND LITERARY FRAGMENTS: PIECES OF MIGRANT MEMORIES

Stefania Mattarello*

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão sobre a experiência migratória e as possíveis conexões entre os fragmentos do romance *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato, e as cartas de imigrantes italianos, disponíveis no arquivo *Memorie e Migrazioni*. O objetivo é explorar e comparar o cotidiano caótico e a transformação urbana de São Paulo, descritos na obra contemporânea de Ruffato com os relatos históricos, as tensões sociais e culturais vividas pelos imigrantes italianos no final do século XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Cartas; Fragmentos; Memórias; Migração italiana.

ABSTRACT: This article explores the migratory experience by examining the connections between the fragmented narrative of Luiz Ruffato's novel *Eles Eram Muitos Cavalos* and the letters of Italian immigrants preserved in the *Memorie e Migrazioni* archive. The study aims to analyze and compare the chaotic daily life and urban transformation of São Paulo, as depicted in Ruffato's contemporary work, with the historical accounts, social tensions, and cultural challenges experienced by Italian immigrants in the late 19th and early 20th centuries.

Keywords: Letters; Fragments; Memories; Italian migration.

* Professora de língua portuguesa na Università degli Studi di Padova.

Guabirobas (São Paulo), 6 de janeiro de 1889

Cara molglie,

[...] Dopo il longo e borascoso mare trascorso, arivamo all’America dove si credeva trovare le delizie della tera cioè lavorare poco e guadagnare molto, ma invece non è così, al contrario si lavora molto e si guadagna poco e si magna anche male perché di cibi non ano sustanza come quelli di Litalgia [...]

Campinas (São Paulo), 3 de março de 1889

Carissimo compare,

[...] Quelli che si ritrovano di essere in Italia, e che soffrono la fame, fanno bene a venire in America, e quelli che possono fare la polenta due volte al giorno senza fare debiti, stanno bene in Italia, ti dico questo per tante ragioni: prima di tutto, sapi che questi maledetti insetti che penetrano nei piedi, ci crucciano grandemente, e poi ti dirò che molti si ritrovano qui, maledicono l’America e anche Cristoforo Colombo, che l’ha scoperta, io veramente son contento di esser qui, ma vi sono queste piccole bestioline, che ci mollestone, del resto, se non vi fosse questa malinconia, saressimo beati [...].

São Carlos do Pinhal, 8 de fevereiro de 1889

Caro socero e padre

[...] Dunque speriamo se Dio ne conserva la salute, unaltro momento vedersi o noi in Italgia o voi in Merica ma io vi consiglio, se avete questa lusinga informatevi prima perché sono un bruto viaggio da fare che adesso non si sente altro che maledizioni, perché questi che viene adesso sono desfortunati che sono molta gente che viene dall’Italgia. In migrazione a San Paulo sono 11 mile emigranti e dorme per tera, fissi come le formige, e mangia male e fanno maledizioni, luomo maledisse la dona e la dona maledisse luomo. E tanti vende il suo per venire nel Bresile e poi si trovano male e restano inganati. Qui sotto il nostro padrone sono ritrovati 8 familgie ma anche quele maledisse quela volta che sono partiti, che sono morti tanti dala varola e i piccoli ano portato il caldo del bastimento e more quasi tutti [...]¹.

142

Essas palavras, extraídas de cartas escritas por migrantes italianos como Sante Paparoto, Donato Zambon e Giovanni Polese, disponíveis no acervo digital *Memorie e Migrazioni*, revelam sentimentos predominantemente negativos que

¹ Cartas de migrantes italianos: Sante Paparoto, Donato Zambon e Giovanni Polese retiradas do site: http://www.memoriaemigrazioni.it/prt_lettere.asp Última consulta: 23/12/2024.

refletem as adversidades enfrentadas por esses indivíduos e por muitos outros italianos que migraram para o Brasil no final do século XIX.

As cartas enviadas aos familiares na Itália são testemunhos vivos e valiosos, documentos pessoais e emocionais que não apenas registram as dificuldades e as contradições enfrentadas pelos migrantes, mas também transmitem sentimentos de engano, desilusão, frustração, precariedade e vulnerabilidade, que marcaram profundamente essa experiência de deslocamento. As promessas de “le delizie della terra”, como terras férteis e empregos rentáveis, atraíram famílias inteiras. Contudo, na realidade, muitos se depararam com condições adversas, como trabalho servil, moradias inadequadas, doenças e conflitos culturais e religiosos, que marcaram profundamente suas vidas e trajetórias.

Campinas, 20 de março de 1889

Signor Decimo

[...] Ora vi noto che sto bene; di salute ma qui c'è una grande malattia febre gialla che morano come le mosche sono venuto via che è un mese da San Paulo che cera le varole negre e qui a Campinas anno chiuso tutti i stabilimenti più grandi e sono andati via tutti in posti più sani. Con questo rende una grande malinconia e miseria per tutti [...] Vi noto che presto vengo in Italia se non ferma questo male [...] che qui non si fa fortuna. Ce più miseria che in Italia [...] Tanti saluti a Silvestro e ditele che a fatto più profitto lui a starsene a casa in queste terre maledette da Dio qui non se sa né prete, né chiese, né confessione, i morti li portano via due note fra lori li chaza sun carro da fieno i in due sulle spalle come portar un animale [...] lo piuttosto che Dio mi toglia la vita qui mi contento de morire quando metto il primo piede in terra italiana che si sta più bene morir in Italia che qui vivo con questo brutto costume ².

143

Paralelamente, no final do século XX, mais de um século depois, Luiz Ruffato, em seu romance *Eles Eram Muitos Cavalos* (2013), adota uma narrativa fragmentada e polifônica, intencionalmente desprovida de um centro narrativo ou de uma história principal. Composta por setenta capítulos ou fragmentos, a

² Carta do migrante italiano Giovanni Robba retirada do site: http://www.memoriaemigrazioni.it/prt_lettere.asp Última consulta: 23/12/2024.

Essa polifonia encontra um elo simbólico no título e na epígrafe do livro, retirados do poema de Cecília Meireles: “Eles eram muitos cavalos, mas ninguém mais sabe os seus nomes, sua pelagem, sua origem”. O verso encapsula a ideia de anonimato e esquecimento que atravessa as histórias dos marginalizados em São Paulo e dos migrantes italianos deslocados no Brasil. Assim como os cavalos do poema, esses habitantes-migrantes são inúmeros, mas suas identidades, histórias e origens frequentemente se perdem na fragmentação da vida urbana e da experiência migratória.

A linguagem fragmentada de Ruffato, portanto, não apenas recupera e amplifica as vozes desses “nomes e origens esquecidas”, mas também traduz o caos e a complexidade de uma metrópole em constante transformação que avança rapidamente, apagando as marcas de sua história e das vidas que a constroem.

É possível afirmar que as duas narrativas – uma ficcional e outra documental – apesar de estarem separadas temporalmente, capturam e exploram visões e tensões comuns. Ambas abordam temas como deslocamento, adaptação, exclusão social, angústia e resiliência, oferecendo uma perspectiva sincera e impactante sobre experiências distintas, mas interligadas. De um lado, os desafios de uma migração (frequentemente forçada) para o interior do Estado de São Paulo; de outro, a luta pela sobrevivência em um ambiente urbano hostil e violento na maior metrópole brasileira.

Nesse sentido, as cartas dos imigrantes italianos ecoam as narrativas contemporâneas de exclusão retratadas em *Eles Eram Muitos Cavalos*, evidenciando que São Paulo, ao longo do tempo, manteve-se como um espaço marcado pela desigualdade. Enquanto os imigrantes italianos do final do século XIX enfrentavam condições desfavoráveis nas fazendas e nas cidades, os personagens da obra de Ruffato parecem viver as consequências dessa migração e marginalização. Eles lidam com as complexidades de uma metrópole moderna, marcada por novas formas de exclusão e precariedade, que refletem o legado das dinâmicas sociais construídas ao longo da história.

[...] Honda Civic estalando de novo, janelas cerradas, cidade irresgatável, lá fora o mundo, calor, poluição, tensão, corre-corre. Meninos esfarrapados, imundos, escorrem água nos para-brisas dos carros, limpam-nos com um pequeno rodo, estendem as maõzinhas esmoleres, giletes escondidos entre os dedos, arranjos de estiletos em buquê de flores, cacos de vidro em mangas de camisa. Meninas esfarrapadas, imundas, carregam bebês alugados esfarrapados, imundos, dependurados nas escadeiras, inocentes coxas à mostra, cabelos presos em sonhos vaporosos. Mocinhas vestidas de torcida-organizada-de-futebol-americano espalham folders de lançamentos imobiliários. Rapazes encorpados vestidos de jogador-de-time-de-basquete-americano exibem revólveres sob um outdoor São Paulo - Miami Non Stop, que encobre um pequeno prédio abandonado, onde gatos e crianças remelentos dormem ignorando a tarde que se oferece lúbrica (Ruffato, 2013, p. 71).

O que é um fragmento, ou uma carta, senão retalhos de uma memória? No caso das cartas dos imigrantes e dos fragmentos literários de Ruffato, ambos podem ser vistos como formas distintas de preservar e transmitir memórias. Esses elementos funcionam como recortes de uma realidade maior, pedaços de experiências que, ao serem reunidos, ajudam a construir uma narrativa mais ampla e coletiva. No contexto da imigração italiana e da obra de Ruffato, esses “fragmentos” desvelam histórias de luta, adaptação e busca por identidade, compondo o mosaico de São Paulo e das vidas que a moldaram – e continuam a moldar.

[...] O vêneto Giacomo enamorou-se da napolitana Maria, numa festa no Brás. O avô tinha uma serralheria na Barra Funda e tudo o que ganhava despejava no colo de mulheres suspeitas e insuspeitas. Vivia alvoroçado escondendo-se de encomendas, de cobradores, de maridos. A avó sustentava a casa e os seis filhos lavando roupa, passando, costurando, fabricando embutidos. Antônio, o pai de Henrique, tornou a atividade de fim de semana da mãe em ofício do dia-a-dia e logo eram donos de um frigorífico, que galgou nome e cujo prédio nem um tijolo mais existe (Ruffato, 2013, p. 72).

Por um lado, as cartas são registros íntimos, fragmentos da memória de quem as escreve, impregnados de saudade, esperança e dos perigos enfrentados em uma terra desconhecida. Cada carta representa um recorte único de tempo e espaço, um testemunho pessoal que, assim como um fragmento literário, não abrange a totalidade da vida ou da experiência do remetente, mas oferece um vislumbre particular e profundo de seus sentimentos e emoções, carregando um

significado próprio dentro de seu contexto. Entretanto, quando reunidas, elas têm o poder de compor um panorama mais amplo e revelador das condições sociais e culturais daquela época.

Por outro lado, os fragmentos literários de *Eles Eram Muitos Cavalos* operam em uma dimensão diferente, funcionando como uma estratégia para captar a complexidade de uma realidade multifacetada. Eles revelam um mosaico de experiências, contradições e histórias dispersas, refletindo a fragmentação e a diversidade que caracterizam a vida nas grandes cidades. A obra de Ruffato não busca oferecer uma visão linear, contínua ou homogênea de São Paulo, mas sim retratá-la como um espaço dinâmico, parcial, construído por camadas de múltiplas vozes que coexistem, se entrelaçam e frequentemente se chocam.

São Paulo relâmpagos
(são paulo é o lá-fora? É o aqui-dentro?)
De pé a paisagem que murcha
A velha rente à janela
Rosto rugas bolsa de náilon desmaiada no colo dentro coisas enroladas
em jornais vestido branco bolinhas pretas sandália de plástico
fustigando o joanete cabelos grisalhos olhos assustados nunca se
acostumará ao trânsito à correria ao barulho [...]
Sacolejando pela Avenida Rebouças
O farol abre e fecha
Carros e carros
Mendigos vendedores meninos meninas
Carros e carros
Assaltantes ladrões prostitutas traficantes
Carros e carros
Mais um dia
Terça-feira
Fim de semana longe
As luzes dos postes dos carros dos painéis eletrônicos dos ônibus
E tudo tem a cor cansada
E os corpos mais cansados
Mais cansados
a batata das minhas pernas dói minha cabeça dói
(Ruffato, 2013, pp. 82 e 83).

A teoria dos fragmentos de Walter Benjamin, escolhida como base e referência teórica para este artigo, é central para compreender as conexões entre as cartas dos imigrantes italianos e a obra de Ruffato, oferecendo pontos de reflexão e analogias valiosas para sua análise.

O filósofo, em seus estudos sobre modernidade, história e memória, particularmente na sua obra *Passagens*, argumenta que a experiência moderna é inevitavelmente marcada por rupturas e descontinuidades, propondo a fragmentação como uma forma inovadora, única e possível para compreender a modernidade, seu caos e fluidez (Benjamin, 2006, p. 462). De fato, ao valorizar o pedaço, o retalho, o fragmento, enfrentamos a impossibilidade de capturar a totalidade da experiência moderna, ao mesmo tempo em que conseguimos apreender seu caos e sua complexidade.

Assim, a cidade, especialmente a metrópole, desempenha um papel central nessa experiência. Benjamin utiliza Paris como um exemplo emblemático para explorar as dinâmicas da modernidade urbana, representando símbolos do ritmo frenético, da industrialização e das transformações sociais que marcaram o século XIX. Paris, com suas galerias comerciais, multidões anônimas e paisagens fragmentadas, torna-se, para o filósofo, um verdadeiro laboratório a céu aberto, onde se pode compreender os impactos da modernidade na experiência humana e na alienação gerada pela vida nas grandes metrópoles (Benjamin, 2006, p. 73). É evidente, portanto, que essa abordagem pode ser facilmente estendida a outras grandes cidades, como São Paulo – cenário de *Eles Eram Muitos Cavalos* – ou qualquer metrópole moderna, onde o ritmo acelerado do consumo dissolve a experiência e a memória das pessoas. Essas cidades despedaçam as vivências humanas e, através desses fragmentos, os aspectos mais profundos da história, da cultura e da humanidade em si voltam à tona, abrindo possibilidades para redescobrir a memória e seu significado.

Benjamin sustentava que a história e a memória não são simplesmente um ato de recordar o passado de forma ordenada e linear, mas em um processo dialético que entrelaça constantemente o passado e o presente. Ele argumenta que a história se revela por meio de rupturas e momentos de crise, surgindo em *flashes*, ou seja, fragmentos descontínuos que revelam verdades ocultas (Benjamin, 2006, p. 462). De maneira similar, Ruffato apresenta uma cidade em constante e frenética transformação, onde as vozes das pessoas

marginalizadas e invisíveis coexistem, lutam e emergem para contar suas próprias histórias. A São Paulo de Ruffato é, ao mesmo tempo, histórica e contemporânea, um espaço onde as memórias dos migrantes, tanto do passado quanto do presente, são fragmentos que, juntos, compõem uma memória coletiva maior.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, podemos afirmar que a imigração italiana também é uma história de múltiplos caminhos, desafios e experiências. Cada imigrante ou família trilhou sua própria trajetória, marcada tanto pela luta quanto pelas conquistas, e essas histórias individuais contribuíram para formar o mosaico de diversidade que hoje caracteriza o Brasil, e, nesse contexto, a cidade de São Paulo.

Além disso, Benjamin compara a história a uma pilha de destroços e ruínas, composta por fragmentos de vidas e experiências esquecidas, marginalizadas pela narrativa oficial. Esses destroços são pedaços do passado que, com o tempo, emergem, oferecendo “vislumbres de verdades mais profundas” (Benjamin, 1985, p. 257). São destroços acumulados ao longo do tempo, fragmentos das existências apagadas ou ignoradas pela narrativa tradicional (Benjamin, 1985, p. 223).

Assim, tanto as cartas dos imigrantes quanto os fragmentos literários de Ruffato podem ser vistos como partes dessa pilha de ruínas, capturando as vozes daqueles que foram relegados à margem (os invisíveis) – seja nas fazendas de café do século XIX, seja nas periferias urbanas do século XXI.

Benjamin concebe o papel do historiador – ou do escritor, como no caso de Luiz Ruffato – como o de um “coleccionador de fragmentos”, alguém que reúne e organiza pedaços da memória para oferecer uma nova perspectiva sobre a história (Benjamin, 2006, p. 462). Para ele, a verdadeira tarefa da historiografia não é criar uma narrativa linear, mas permitir que esses fragmentos componham constelações de sentido capazes de conectar passado e presente de forma crítica e transformadora (Benjamin, 2006, p. 178). Esses fragmentos,

por si só, não constituem uma narrativa completa; contudo, quando dispostos em uma constelação dialética, revelam verdades profundas sobre o passado e o presente, desafiando as tentativas da narrativa dominante de apagá-las ou obscurecê-las (Benjamin, 2006, p. 392).

Ao colocar em diálogo as duas fontes – *Eles Eram Muitos Cavalos* do autor Luiz Ruffato e as cartas dos imigrantes italianos – sob a luz da teoria dos fragmentos de Walter Benjamin, torna-se evidente que os fragmentos da memória se manifestam tanto na literatura quanto nas experiências pessoais desses migrantes. Cada carta e cada fragmento da obra de Ruffato representam um pedaço de uma memória coletiva maior: a memória de uma cidade, de um povo e de uma experiência migratória. Ao reunir esses retalhos e vislumbres parciais, forma-se uma constelação narrativa que lança luz sobre as condições de vida e as realidades históricas que moldaram o Brasil de hoje e a São Paulo contemporânea, além de revelar aspectos mais profundos e frequentemente esquecidos da experiência humana.

Nesse contexto, o conceito de fragmento, para Benjamin e Ruffato, torna-se uma ferramenta indispensável para a recuperação e a compreensão da memória migrante e urbana. A teoria dos fragmentos de Benjamin, em particular, oferece uma crítica contundente à visão linear e totalizante da história e da memória. O filósofo sugere que as memórias mais significativas são, muitas vezes, aquelas marginalizadas ou apagadas, um ponto que se reflete claramente nas histórias dos imigrantes italianos.

A comparação entre as cartas e a obra de Ruffato revela como a imigração moldou profundamente a cidade de São Paulo e suas narrativas, tanto históricas quanto ficcionais. Enquanto as cartas oferecem um testemunho direto da experiência migratória e dos esforços iniciais dos italianos para se adaptarem ao Brasil, o romance de Ruffato capta e dá continuidade a essas experiências em um contexto contemporâneo. As tensões sociais, culturais e econômicas enfrentadas pelos imigrantes italianos ecoam nos fragmentos urbanos de Ruffato, demonstrando que, apesar do tempo, São Paulo permanece um espaço

de luta, exclusão e resistência, que define e transforma a vida de muitos de seus habitantes.

[...] As meninas nunca mais voltaram lá... Eu fico triste, não vou mentir pro senhor não. Afinal, é a terra da gente. Mas eu entendo. Não sou ignorante não. Eles não têm nada a ver com aquele buraco lá. Pra falar a verdade, nem eu tenho mais a ver com aquilo. A maioria dos meus colegas de infância, do pessoal que eu conhecia, não mora mais lá. Os velhos morreram todos. A única coisa que resta é a memória da gente, mas o quê que é a memória da gente? (Ruffato, 2013, p. 76).

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MELE, Vincenzo. *City and Modernity*. In: *Georg Simmel and Walter Benjamin. Fragments of Metropolis*. Londres: Palgrave Macmillan, 2022.
- MENDONÇA, E. M. *Fragmentação e Polifonia em Luiz Ruffato: Entre Narrativas e Representações da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Educ, 2010.
- RUFFATO, Luiz. *Eles Eram Muitos Cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.